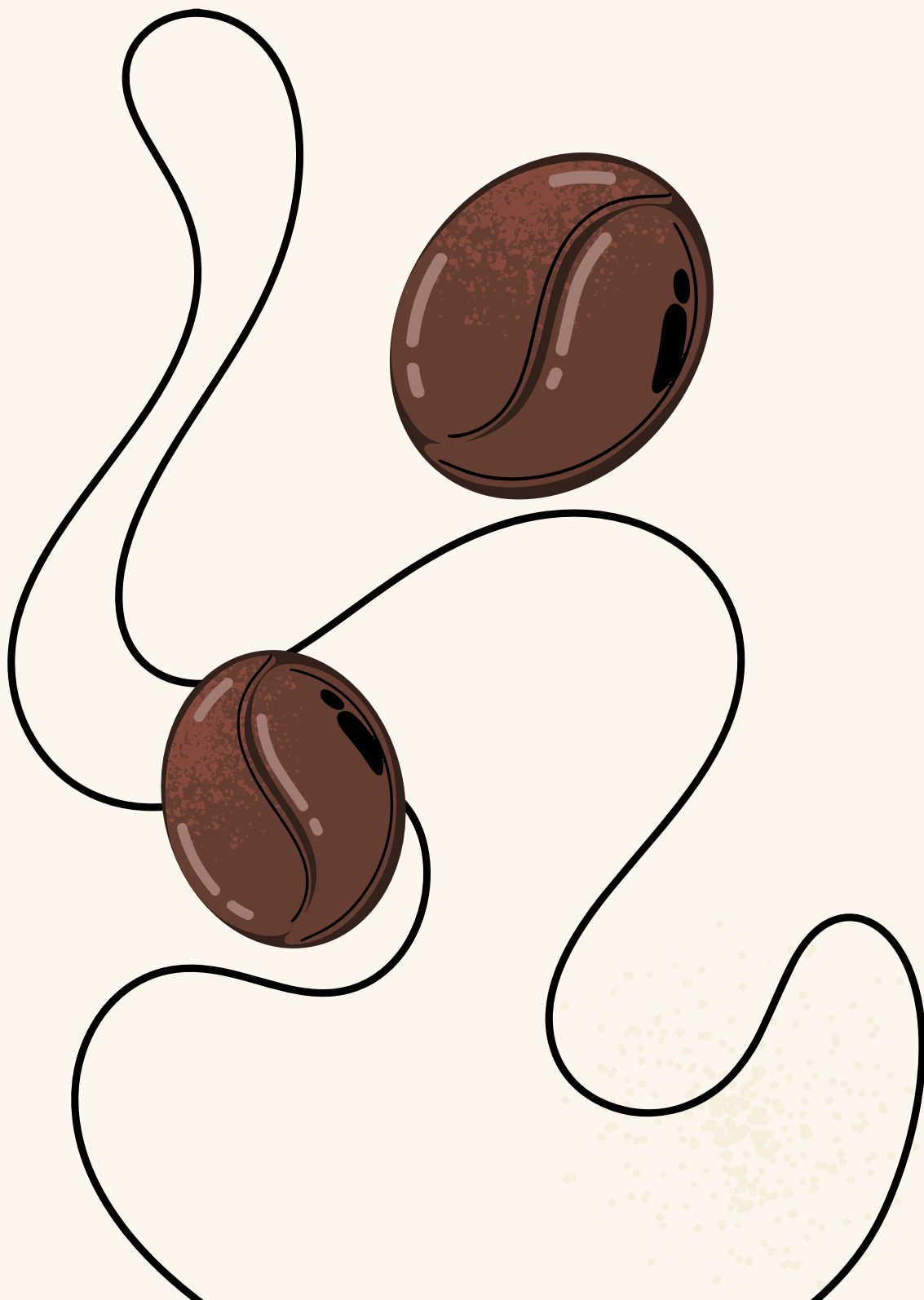


PiNGADO

Café Literário

Volume 3

sesc Polo
Educacional
CNC Senac SESC



PiNGADO

• Café Literário •

Volume 3

Rio de Janeiro
Sesc | Serviço Social do Comércio
Polo Educacional Sesc
2025

SESC | SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Presidência do Sistema CNC-Sesc-Senac
José Roberto Tadros

DEPARTAMENTO NACIONAL

Direção-Geral
José Carlos Cirilo

Diretoria de Programas Sociais
Érlei José de Araujo (interino)

Diretoria de Operações Compartilhadas
Maria Elizabeth Martins Ribeiro

Diretoria do Polo Educacional Sesc
Carlos Alberto Tadeu Zanetti

Coordenação de conteúdo
Polo Educacional Sesc

Coordenação editorial
Assessoria de Comunicação

©Sesc Departamento Nacional, 2025
Telefone: (21) 2136-5555
sesc.com.br

Distribuição gratuita, venda proibida.
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei nº 9.610 de 9/2/1998.

Prefácio

Queridos leitores,

Da união de um bibliotecário encorajador de futuros leitores e uma professora de Língua Portuguesa apaixonada por Clarice Lispector nasceu o Pingado, café literário.

Tudo começou como um experimento científico: jovens leitores + cafezim fresquim + biblioteca acolhedora = um verdadeiro show de poesia, carinho, escuta e afeto. Entretanto, os resultados dessa experiência transbordaram as expectativas e evidenciaram o talento gigantesco daqueles adolescentes, adultos, alunos e funcionários, que, além de leitores, também se tornaram escritores, levando nossos cientistas a expandir os horizontes. Nesse exato momento, você tem em mãos a terceira edição do empenho de diversas pessoas que acreditam no poder da literatura e transmitem seu amor por ela.

Essa obra-prima é consequência de muitos dias dedicados ao prazer que a leitura alimenta em todos que a consomem. Durante toda essa trajetória, nosso querido palquinho acolheu personalidades ilustres que não perderam a oportunidade de contar suas histórias. Ao longo do tempo, as quintas-feiras na Escola Sesc se transformaram cada vez mais em prosa, poesia, cordel, crônica, relatos, café, lágrimas, risadas, adoções e até mesmo cartas (abertas). Então, de repente, como quem não quer nada, as camisas café com leite foram tomando seus lugares em meio ao amarelo, cinza e azul. Os nossos escritores-cientistas dominaram todo o Polo Educacional Sesc, mostrando que a literatura muda e transforma a vida daqueles que a têm; possa ser lendo, escrevendo ou apenas ouvindo.

Caro leitor, seriam necessárias inúmeras cartas como essa para descrever o sentimento único que é viver o Pingado. Entretanto, melhor que descrever é ver, por isso, nós, carinhosamente, te apresentamos e convidamos para encarar a ponta do iceberg que sentimos semanalmente pela manhã. Sinta-se à vontade, a casa é sua e os moradores dela são muito acolhedores!

Com amor,
Ana Paula, Anna Elise, Italy Aquino e Sophia Prado. <3



Sumário

Depoimentos.....	8
Feliz dois anos, Pingado! Anna Elise	13
Algemas Ailton Haubrick.....	15
Quanto tempo eu tenho para passar o tempo? Alice Cristine Sodre Cunha	17
A última carta Paula Nunes	18
Carta aberta para meu avô Paula Nunes	22
A rotina do desencanto Anna Elise	25
E ela deixou o seu castelo Anna Elise	26
Rapidez Bea Spilare.....	29
Moça bonita Brandalize	30
As flores do meu jardim Duda.....	32
O monstro debaixo da minha cama Duda	35
Companhia Geovana	37
Minha linda boneca de pano Geovana.....	38
A vida no relógio Heloise Cavalcanti	40
Me deixem fora disso Heloise Cavalcanti.....	45
Botões e tecidos Ita Lima	49
Sendo sincera Jess F. S.....	50
A última gota Kauass	53
Com você [Eu tenho medo das madrugadas] Lais Loiola.....	54
Mosaico Lavínia Monteiro	56
Argila II Letícia Dionysio.....	58
De forma desprecavida Letícia Dionysio	63
Só mais um humano Manuela de Castro	65
Cansaço temporal Maluzy	66
O passarinho na janela Marina Zampiroli.....	69
Uma paixão pela arte Miguel Couto	71
Flores belas, belas flores Thifany Oliveira	72
Doce e rosa Will	74
Pingado, um mergulho nas palavras.....	78

Depoimentos



“Pingado é o momento de partilhar histórias e emoções acompanhado de um delicioso café com leite.”



“Pingado é um sorriso que surge com a lembrança, é uma risada que borbulha com a mais bela das companhias e o acolhimento de uma história que – a partir de agora – também é um pouco sua.”



“Criatividade é a chave para a felicidade e pode ser traduzida por Pingado.”



“Um refúgio de palavras e sentimentos onde a gente pode expressar nosso pensamento de forma artística.”





“O Pingado é um modo de vida.”



“Adoro o Pingado! Ele sempre melhora as minhas quintas-feiras. É o lugar onde expresso meus sentimentos e pensamentos pelos meus textos e sinto que as pessoas me entendem e se identificam com o que crio.”



“O Pingado me ensinou o sentido de comunidade e o quão importante é expressar as coisas que se sente. O Pingado, em boa parte, me ensinou a ser humano.”



“O Pingado para mim é como se fosse um porto seguro. A gente sabe que é um ambiente acolhedor onde podemos falar como nos sentimos em forma de escrita e de leitura.”





“Criatividade é a chave para a felicidade e pode ser traduzida por Pingado.”



“É maravilhosa a sensação de chegar cedo no Sesc e escutar poesias ao lado de um bom café.”



“A vida é um quadro branco cheio de artes não pintadas, as ideias são a tinta e o Pingado é o pincel.”



“Gosto muito de ver as pessoas engajadas numa coisa que todo mundo gosta e num objetivo comum que é a literatura. Ouvir texto autorais. E isso é muito bom!”



“O Pingado é uma oportunidade que a gente tem de ouvir as ideias das pessoas, só que com as palavras de outras pessoas. Cada um coloca seu próprio ponto de vista dentro de cada coisa que o outro lê. Acho muito legal!”





“Acho que não tem nada melhor do que tomar um café e ouvir o que o coração das pessoas querem dizer.”



“O Pingado é um respiro nos dias corridos. É o momento de compartilhar afeto, abraços, é um momento de carinho.”



“É um momento de acolhimento que ajuda jovens leitores a criar e se expressar de uma forma diferente.”



“O Pingado é comunidade e solidariedade, paixão e muita gentileza de todo mundo que está lá.”



“O Pingado para mim é um local de muito amor e carinho, de compartilhar histórias que a gente pensa e trocar emoções com essas histórias.”





Feliz dois anos, Pingado!

Anna Elise

Minha percepção é de imensidão, palavra pequena comparada ao tamanho do significado. Lugar de possibilidades criadas a partir de um universo imaginativo, às vezes não muito distante da realidade.

Falar com propriedade ao definir sentimentos gera um tanto de desconfiança... Será que é isso mesmo? Pois eu falo que é! Eu sinto, ué?! Então, é! Aniversários me trazem essa emoção, uma vez que é seu dia – não só seu, porque tem um monte de gente nesse mundo que provavelmente nasceu no mesmo dia, mas você tem o direito de ignorar essa parte e aceitar a imensidão de que é seu dia.

Hoje, no dia de comemoração ao aniversário do Pingado, celebra-se também a imensidão das pessoas que fazem e fizeram parte do Projeto, que, de alguma forma, as comoveu. E isso eu falo com propriedade mesmo. Deixo de enrolação e declaro: feliz dois anos, Pingado!



Algemas

Ailton Haubrick

Tenho vivido por viver, sem sentido
e sem porquê, sem forças para lutar.
Tenho vagado por caminhos incertos e desertos.
Sem luz, sem calor, sem afeto.
Nem ao menos tenho um teto
para do frio me abrigar. Sofri...
E, em meio ao sofrimento, sentei-me por um
momento e, triste, pus-me a chorar.
E, entre lágrimas e tormentos, dei asas ao
pensamento e, com ele, fui viajar;
sobrevoei as montanhas, pude ver a sua cor.
Até pude sentir o seu cheiro, seu doce cheiro de flor.
E, ainda em pensamento, dei asas ao sentimento.
Libertei meu coração.
Quebrando minhas algemas, libertei-me
dos problemas, libertei-me da prisão que
me fez prisioneiro em meu próprio coração.





Quanto tempo eu tenho para passar o tempo?

Alice Cristine Sodre Cunha

Fui pega pelo tempo
enquanto nele pensava.

Me via na ideia de que todos
temos o tempo da nossa vida.

Mas seria esse o tempo do relógio
ou o tempo observado?

Haveria uma contagem do
sentido ou do presságio?

Afinal, posso dizer de que nada
sabia, só que o tempo passava.

A última carta

Paula Nunes

Agora não falta nenhuma, essa não teria nenhum contexto prévio, porém, eu li uma coisa essa semana que eu falei que não ia ler até chegar em casa, mas eu li, e agora vou ler para vocês.

Os que questionam são sempre os mais perigosos. Responder não é perigoso. Uma única pergunta pode ser mais explosiva do que mil respostas. Dessa forma, Sejam bem-vindos à última carta aberta.

Rio de Janeiro, 7 de novembro de 2024

Querido Fernando,

Eu até queria enviar esta carta, mas infelizmente não tenho o endereço do Céu. Por isso, decidi que ela seria lida no Pingado para que todos os que estão presentes possam saber que, mesmo que eu tenha falado de centenas de professores, você sempre será o dono da última carta.

Eu não lembro o dia, a hora, mas sei que foi assim: 18 alunos que não se conheciam sentados no chão de uma sala com as luzes apagadas, as cortinas fechadas e somente a luz da projeção de uma fogueira no quadro, e um professor que com toda certeza não batia muito bem da cabeça!

Éramos muitos novos e era o primeiro dia oficial como alunos da Escola Sesc de Ensino Médio, em turmas em que não tínhamos nenhum amigo, nem sequer conhecidos. Todos estávamos confusos com os poRta, esxqueiro, muriçoca, pernilongo, mosquito, carapana, cacetinho e até beRgamota.

Estávamos meio cansados daquele “meu nome é fulano e eu sou da baixa da égua”. O que eu não sabia era que você, em mais uma apresentação besta dessas, ia armar o maior triplex da história na minha cabeça.

Eu não sei por que, mas, na hora de me apresentar, falei: “Ana..... Pausa muito grande..... Paula, Ceará, gato”. Você, com seu jeito diferente de ser, olhou pra mim e disse no fim da aula: “Tá, mas você tem duas personalidades, uma pra Ana e a outra pra Paula?” Você não deixou que eu sequer pensasse e disse: “Quando você tiver a resposta, me avisa”.

Só que agora tudo acabará em uma quarta-feira qualquer no mesmo palco que Hamilton de Holanda tocou, a luz verde brilhou e até para Oz “nóis” viajou. Na Olimpíada de Filosofia, estávamos a debater sobre o tempo, e a frase que eu criei junto com a minha dupla foi: “Não tenha medo do fim, pois ele sempre será um novo começo”. Fui eu que criei a frase, mas sou eu que não consigo segui-la, porque me digam como não ter medo de não ter mais petit gâteau e rodízio de massa em uma sexta-feira qualquer?

Antes, eu pensava: “Nossa, o fim está tão longe”, mas hoje, pensei que não estamos preparados, porém prontos para usar a beca azul e depois esperar o DJ abaixar a última música, na cidade que até um dia desses era totalmente coisa de novela da Globo, com seus belos táxis amarelos e praias que eram vistas apenas em fotos ou cartões-postais escritos Brasil.



Em três anos, como qualquer estudante da Escola Sesc,
eu inventei, reinventei, criei, falei e vivi o que tinha pra ser.
Na próxima semana, quando eu estiver almoçando em
terras cearenses, vou pensar – eu devia ter:

Amado mais;
Ter visto o sol nascer;
Feito o que eu queria fazer.

Ai, ai, ai, acho que eu devia ter ouvido menos “Epitáfio”
ou, pelo menos, pular pra “Sujeito de sorte”, do Belchior, e
perceber que o fim é inevitável. Como percebi na Olimpíada
de Filosofia, nunca será realmente o fim, sempre terá outro
que vai: conversar, matar aula, fazer projetos físicos e,
até mesmo, cartas abertas sobre suas vivências.
Já vivi minha parte, e agora é a vez de vocês, ouvintes,
saberem quem realmente são e sempre olhar pra si e
pensar, não no que deveriam ter feito, e sim no que vão
fazer e quem são para si mesmo.
Fernando, você disse que teríamos um enigma por mês,
porém, eu acho que é mentira, porque você só entregou um,
que vai ser para a minha vida toda.
É, Fernando, acho que já sei a resposta, mas você não a
pediu por escrito; então, vou levar pra mim como pergunta
retórica cuja resposta “nóis” dois sabemos.
Eu sei que a dor do parto é grande, mas vou ter que partir.

**Com muito amor,
Ana**

Carta aberta para meu avô

Paula Nunes



Sejam bem-vindos à carta aberta para o Luis.

Querido Luis,

Obrigada por ser essa pessoa maravilhosa e me fazer gostar de matemática.

Lembro perfeitamente de alguns momentos que, devido à inocência, só me dei conta da sua importância agora.

Não sei se o senhor se lembra do dia em que brinquei no seu tão cuidado comércio de comprinha e você me ensinou como somava R\$ 1,50 do detergente com um pacote de fumo marata que devia ser R\$ 0,60 centavos.

Ou das nossas tardes com sorvete e silêncio confortável de um sábado qualquer, ou aqueles abraços apertados a cada seis meses, das férias que passavam como vento.

Você teve uma história de vida complicada. Mesmo menino, teve que trabalhar desde cedo e sonhava com um mundo grande, mas, como muitos – é como ele conta –, foi embora do sertão com um pacote de cream cracker e uma família pra alimentar.



Estudar era privilégio daqueles que não precisavam trabalhar. Luis não sabia ler, escrever, mas sabia contar: voltou ao Ceará depois de ser chefe de restaurante em São Paulo. No sertão, abriu um comércio, comprou sua casa e hoje conta suas histórias nos almoços de família.

Acho que nenhum momento nosso vai ser tão importante como o dia em que cheguei nele e falei: “Painho, eu tô tentando uma escola lá no Rio de Janeiro, aí lá é tudo chique e lindo... o céu com as estrelas.”

“É mesmo, minha filha? Mas eu duvido, porque é muito menino tentando e sua mãe me disse que só era duas vagas, mas, se você passar, eu também volto pra escola.” Ele disse com uma voz mansa como de quem tinha medo do seu passarinho voar.

Depois disso eu senti o peso do desafio e, como bem sabem, disputa é disputa.

No dia 8 de dezembro de 2021, meu nome estava lá, e do lado aprovada. Eu me lembro perfeitamente: estava dentro da C&A com minha mãe, comprando alguma roupa pra viajar pra casa de Luis, quando, de repente, fiquei feliz e pulei. Automaticamente liguei pra ele, pra que já fizesse a sua matrícula que “nóis” ia pra escola.

Ele não acreditou e minha mãe até deu pra trás em deixar eu vir, mas, como podemos ver, aqui estou eu e lá está ele.

Em fevereiro, ele chegou todo bobinho e falou: “Paulinha, você quer ir à escola comigo?”.

Na noite seguinte, depois do trabalho, lá fomos “nóis” de moto até uma escola não tão longe, uma sala pequena e ele com uma bolsa tipo carteiro, coisa mais linda do mundo!

Lá, me apresentou seus colegas e a professora, que mostrou o quanto estava feliz por eu ter passado, e ele voltado para o que antes era apenas um sonho.

Nas últimas férias, ele falou do meu vestido de formatura enquanto lia um texto que ele mesmo escreveu.

Então, nessa carta eu queria agradecer ao EJA, que é um projeto que não tem só no Ceará, mas também aqui, e que proporciona a netas, como eu, chorar ao ver seu avô falar algo simples que ele mesmo escreveu.

De: eu

Para: Luis, meu avô, um grande pai



A rotina do desencanto

Anna Elise

Nada tem parecido exatamente normal.

Acorda, bebe café, toma banho, se arruma pra sair.

Pega a condução, que, inclusive, parece, de fato, uma “Minhoca de metal, (...) quase um curral”. Corre para pegá-la quando já está andando. Põe sua vida de lado para estar no horário... E ainda é segunda-feira.

Na rotina cansada, um minuto sem pensar em afazeres parece privilégio. Depois, esse um minuto parece que foi uma perda de tempo, poderia ter adiantado tantas questões...

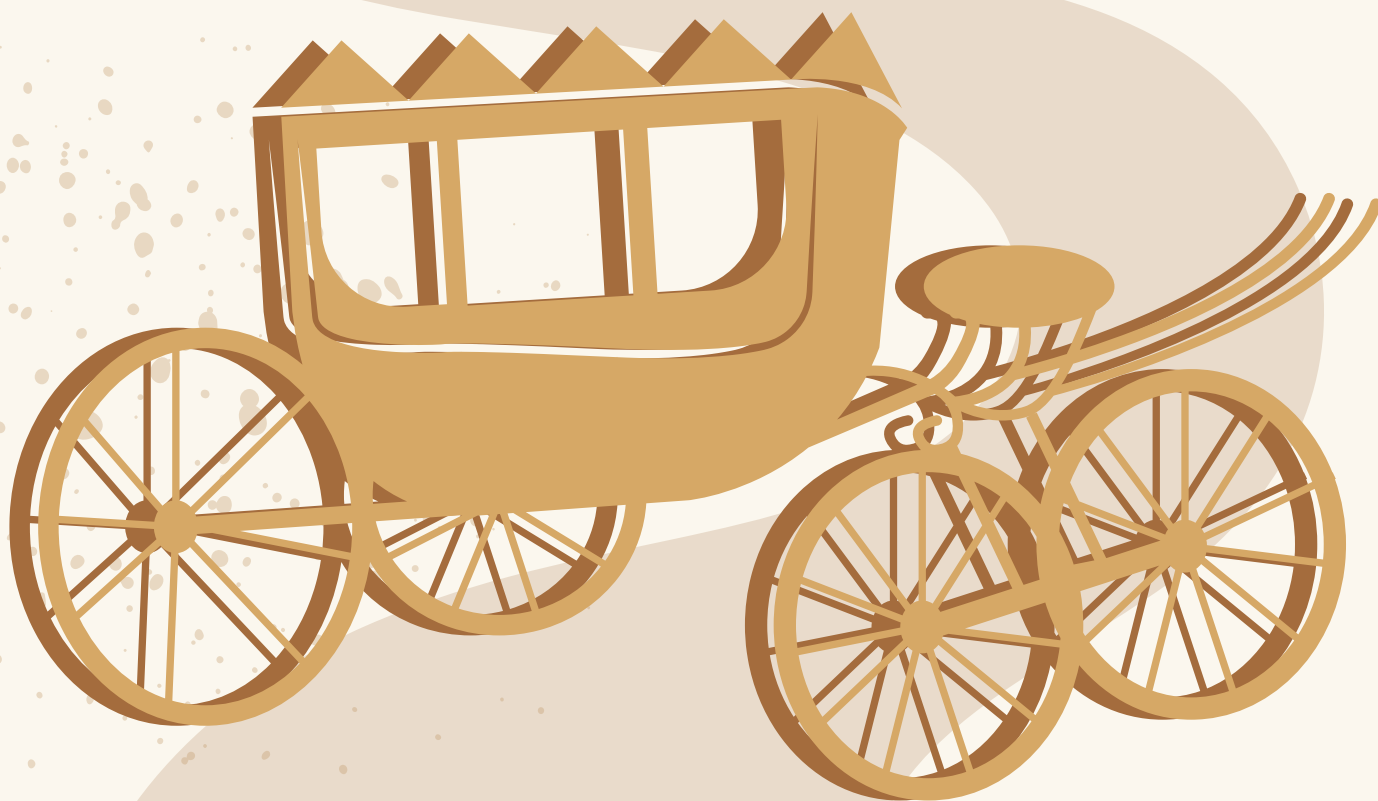
Fecha os olhos, acorda e é o mesmo ciclo. Ciclo que parece confirmar que nunca vai estar acostumado com as exigências, afinal, sabe como era não se sentir assim. CTRL C, CTRL V... mas, como era ser original mesmo?

Alma vazia, zumbi aparente, exaustão evidente, solidão...
A rotina do desencanto.



E ela deixou o seu castelo

Anna Elise



Ela perguntou à menina o que ela seria.
A menina respondeu, meio sarcástica, que já é.
Risadas escancaradas, “isso é pouco, não vale”.
Choro contido.
Sonhos frustrados.
Mais tarde, ela queria ser cantora,
(nem voz tem).
Dançarina do Faustão!
(cresceu e percebeu que dança que nem uma lagartixa)
(Ah, e não tem mais esse programa!).
Vendedora de limonada geladinha?
(nem limonada faz mais, imagina geladinha!?).
Querer ser quando não sabe como as coisas vão ser
Taí um paradoxo infeliz...
A princesa unicorniana lufana deixou o seu castelo.
Não precisa nem de guardas, hoje anda sozinha.
Ainda meio indecisa sobre o que vai ser
Mas, certa do que não vai ser.
Não deixa de acreditar em sua magia
e acrescentar outras.
Nesses anos, aprendeu uma:
Amor-próprio é seu nome.
Tenta praticar sempre, para não cair em desuso.



Rapidez

Bea Spilare

Muito me impressiona a rapidez da vida.

Quando se vê, já se apresentou aquele trabalho que estava te afligindo há semanas.

A festa planejada há meses deixou memórias insanas.

O alívio sentido após a angústia de não saber se algo seria resolvido
e a incerteza sobre o amanhã sumindo conforme é vivido.

Me impressiona a rapidez como as pessoas vão embora da vida sem nenhuma explicação.

Como pessoas novas aparecem do nada e ocupam um lugar tão especial no seu coração.

A alegria que invade seu corpo depois de apresentar aquela dança que você
se dedicou tanto.

E o quão rápido alguém perde o encanto.

Me impressiona a rapidez como o tempo passa e como a vida acontece

que quando percebo, minha preocupação excessiva com as coisas me entristece.

Devia ter aproveitado mais certos momentos.

Devia ter feito aquelas coisas que me privei por medo dos julgamentos.

Os dias passam depressa, sem perceber.

E, com rapidez, esse arrependimento se transforma em anseio por viver.

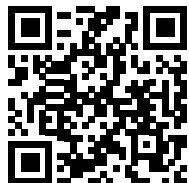
Moça bonita

Brandalize

Moça bonita, por que choras?
Moça bonita, por que seus olhos,
que um dia já foram tão brilhantes,
se tornaram olhos de cor sombria?

Moça bonita, por que choras?
Tu dizes que teu coração foi quebrantado
e dele só sobraram pedaços.

Mas, moça bonita,
como podes tu,
com coração tão reluzente,
se tornar algo tão insuficiente?





Ó, moça bonita,
tu choraste novamente
pelo mesmo motivo?
Tu choras pois tu és amada
e não amas de volta?
Ou por que tu amas
e não és amada de volta?
Moça bonita,
tu dizes que teu amor
é o teu porto inseguro.
Mas por que, moça bonita?
Por quem tens medo de amar?



Moça bonita,
Isto eu lhe digo:
o amor é algo que se constrói
de tijolo em tijolo
Constrói-se uma casa.

Uma casa
que eu desejo.
Que seu coração um dia
possa habitar em segurança.
Pois tu, moça bonita,
és bonita demais
para derramar lágrimas tão amargas.

Dedicação:
Dedico para aqueles olhos castanhos
que me fazem sorrir todos os dias...

As flores do meu jardim

Duda

Há três anos venho colhendo flores no meu jardim.

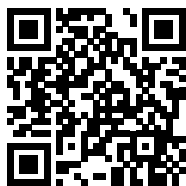
Algumas murcharam, outras quebraram no caule e muitas floresceram fortemente.

As que murcharam ou quebraram tentei recuperar, mas já era tarde demais. As murchas foram cada vez mais perdendo a sua cor, e a minha vontade de cuidá-las abaxiu. Já as que floresceram, essas sim, pude cuidar e cultivá-las para que meu jardim cada vez fosse mais florido.

No jardim, há quatro flores que se destacam das demais: a tulipa branca, a rosa amarela, o lírio e a margarida. Denominei carinhosamente nomes que me pudessem recordar delas.

A tulipa branca teve sua fase difícil no começo, mas troquei-a de terreno e logo reviveu. É singela, radiante e faz qualquer um que chegue perto se apaixonar por sua beleza. Nos momentos de seca, ela resseca, mas, com um pouco de paciência e carinho, ela renasce. Essa eu chamei de Lisa.





A rosa amarela é uma figura. De tempos em tempos, vejo sua coloração ficar mais forte ou mais fraca. Sempre firme no seu terreno, e se ramifica muito rápido; é preciso apará-la. Ainda sim é bela. Fui muito feliz no tempo que dediquei aos seus cuidados. Além disso, é a primeira e a mais velha que vejo ao adentrar no meu jardim. Eu denominei a Ana.

O lírio é mais recatado, não se mistura com muitas flores e gosta sempre do seu terreno fofinho. Rego-o diariamente, e, de certa forma, ele está ficando cada vez mais forte. Mesmo com toda a ventania no meu quintal, ele fica intacto, com sua beleza única. Suas pétalas alargadas me fazem ficar mais confortável no ambiente, e sua cor tem sensibilidade ao clima, sendo ele frio ou quente. Apelidei-o de Ita.

A quinta flor, a margarida, a mais nova flor do meu jardim, a que ganhou grande destaque rapidamente. Foi evoluindo e hoje se tornou grande e colorida. É delicada e exultante. Seu terreno sempre deve estar úmido, mas não lameado. Sempre acompanhada de algumas ervas daninhas que retiro logo que as vejo. Mesmo com os mínimos detalhes de cuidado, eu a amo cada vez mais. Coloquei seu nome de Laurinha.

Assim, o jardim cada dia fica mais belo e exuberante, mostrando que ali, naquele cantinho de terreno, é possível fazer florescer o carinho, a amizade, a paciência, o amor, a beleza e a simplicidade.





O monstro debaixo da minha cama

Duda

Tem um monstro debaixo da minha cama.

Estou com medo.

Tento dormir, mas não consigo.

O monstro faz barulho.

O monstro me perturba.

O monstro não me deixa descansar.

Penso em olhar,

penso... e não consigo tentar.

A cada minuto, o medo me atormenta mais e o tempo não parece passar.

Só me dá vontade de chorar.

Tem um monstro debaixo da minha cama.

Que monstro será que está lá?

Penso mais uma vez.

Consigo olhar.

Há um monstro lá?

Lá não há nada, não há nenhum monstro.

Não tem nenhum monstro debaixo da minha cama.





Companhia Geovana

Tem uma pessoa que vejo todos os dias, mas eu não sei se gosto muito dela, porque ela consegue ser legal com todo mundo que vê só de vez em quando, mas comigo ela nem se esforça, me deixa sempre de “segundo plano”.

Quando ela não me esquece!

Tem facilidade para elogiar a todos, mas só me elogia quando é impossível não fazer isso, pois como ela está sempre comigo, costuma me julgar, até pelos meus tropeços.

Teve uma época em que me afastei dela, mas essa, com certeza, foi minha pior decisão.

As pessoas sempre dizem que o melhor seria nos aproximarmos, mas ela não ajudava!

As pessoas sempre dizem “são só os hormônios da adolescência”, e o pior é que eu concordo.

Mas, sabe o que é mais estranho? É que, apesar de estarmos sempre juntas, eu não vejo ela sempre, só quando eu olho no espelho.

Minha linda boneca de pano

Geovana

Eu fiz uma boneca de pano, ela era linda. Naquele momento, ela era a coisa mais perfeita que já fiz.

Até alguém dizer:

- Ela não tem olhos?
- Tem, mas são difíceis de ver.
- Então faça-os maiores, para que eu possa ver.
- Claro, vou fazer maiores.

E, assim, fiz uma boneca de pano linda, com grandes olhos. Ela não estava tão ruim assim com os novos olhos, até alguém dizer:

- Uma boneca verde!?
- Sim, ela não é linda?
- Por que não dá um tom de pele de verdade pra ela?
- Vou fazer.

E, assim, fiz uma boneca de pano linda, com grandes olhos e uma cor de pele, de verdade. Ela não estava tão ruim com a nova cor de pele, até alguém dizer:

- Que roupa é essa!
- É a roupa da minha boneca, bem bonita, né?
- Ela vai ficar muito mais bonita com um vestidinho de princesa.
- Tem razão.

E, assim, fiz uma boneca de pano, linda! Com grandes olhos, uma cor de pele, de verdade, e um vestidinho de princesa. Ela não estava tão, tão ruim com o novo vestido, até alguém dizer:

- Rosa!? Um cabelo rosa?
- Sim, é bem divertido, você não acha?
- Não, uma boneca tem que ter um cabelo de uma cor normal.
- Verdade.

E, assim, fiz uma boneca de pano, com grandes olhos, uma cor de pele, de verdade, um vestidinho de princesa e uma cor de cabelo normal. Ela já não era a minha boneca, até alguém dizer:

- Que lindinha sua boneca!
- Não, ela não é minha.
- Mas ficou perfeita.
- Não ficou. Ela está horrível!
- Pois eu achei! É uma boneca normal.
- E é por isso que não gosto dela.
- Então, por que não fez do seu jeito?
- Eu fiz, mas ninguém gostou.
- Mas por que mudou?
- Porque falaram que estava ruim.
- Então, a culpa é dos outros?

Fiquei em silêncio, foi aí que percebi que a culpa não era dos outros, era minha, por ter mudado tudo pelos outros.

“Desabafo

Não aguento mais. O que tem de errado comigo? Sou tão ruim assim? Poxa, eu sabia que tinha defeitos, mas não sabia que eram tantos.”



A vida no relógio

Heloise Cavalcanti

Como museus são capazes de guardar a história de uma sociedade, uma caixa no fundo do armário pode abrigar memórias de alguém que costumávamos ser. As aventuras de mentira que intensamente vivíamos, personagens amados que incorporávamos, traumas disfarçados e fantasiados, correrias que terminavam em joelhos ralados, sonhar acordado com o que a vida guarda para a maior idade:

O que você quer ser quando crescer?
Bailarina, cantora, pintora, princesa...

Tic, tac, toc
Afinal, como funciona o relógio?
Como ele roda, roda e não se cansa?
O que dita seu tempo de vida? A bateria?
Ou se espera que não se conte mais as horas para finalmente jogar fora?
Se a vida é um ciclo, por que existe objetivo?
Se o relógio, o símbolo do tempo, só acompanha um dia, por que preciso saber o que fazer da vida aos quinze?
Arquiteta, médica, advogada, professora...

- Nascer (okay)
- Crescer (okay)
- Reproduzir ()
- Morrer ()



O que mais posso fazer?
O que sou eu além de mais um?
O que você quer que eu faça?
Posso fazer o que você quiser.
Isso não é sobre o ser humano mesmo.
O que me diferencia de um burro de carga?
Pensar? Ter opiniões?
Ser feliz?
Não posso, não quero morrer de fome.

Okay.
Supondo que esse meu eu exista e se contenha com o ciclo.
Sério, o que diferencia meu eu de 20 e de 50 anos?
O tempo não se torna inválido?
Pra que serve o relógio de ponteiro, se meu relógio biológico já
sabe tudo que vou fazer até o fim da vida? O tempo se torna um
mero enfeite de parede, e contar segundos um passatempo?
Deve ser por isso que não se encontra a hora nos sonhos.



É esse badalar insistente do alarme, marcando os cinco, dez minutos a mais, que nos faz repensar se é melhor viver em um pesadelo da meia-noite do que encarar a realidade.

CORRA

Corra antes que alguém pegue seu lugar!

Ah, não, isso não vai fazer diferença.

A longo prazo, estaremos todos no mesmo lugar, lado a lado com pessoas que tiveram suas próprias histórias.

Trabalhadores, aposentados, enfermos, saudáveis, vítimas, criminosos, idosos, crianças...

Tecnicamente, a vida é feita de momentos bons e ruins, momentos com pessoas amadas que, em algum momento, se afastarão para seguirem seus próprios ciclos. Então, precisamos caçar novos indivíduos para fazer com que nossa vida pareça completa.

A vida é tão instável, tão instável, o que será dos indivíduos que passam por ela?



Me deixem fora disso

Heloise Cavalcanti

“Caramba! Tenho um trabalho para entregar amanhã e nem sei sobre o que se trata”, pensei.

Sentada à mesa de jantar, eu remoía todo o meu dia na escola comigo mesma, já que mamãe e papai estavam ocupados o suficiente soltando farpas um com o outro para se importarem com minha presença.

Agora eles estavam falando algo sobre dinheiro, que a gente provavelmente teria que vender as tralhas do papai. É claro que ele, sendo o bom acumulador que é, discorda e acha que mamãe deveria cancelar as aulas de ioga, mas diz ela que assinou um plano anual e não tem como simplesmente cancelar assim no meio do ano.

“Biologia, a matéria do trabalho”, lembrei. “Alguma bodega de estrutura celular, membrana plasmática, algo importante para nossa vida, eu acho.” Essa seria uma boa desculpa para me retirar da sala. Não que eu precisasse de uma. Em breve eles me expulsariam da sala para brigarem à vontade, como tem sido há algum tempo.

As brigas são recentes, o afastamento, não. Começou na época em que nós paramos de fazer nossos passeios semanais no parque quando eu era pequena. Eles pararam de se amar, e isso refletiu em mim, pois todos dizem que sou a mistura perfeita dos dois. Agora eles mal olham para a minha cara, já que eu os lembro um do outro. De qualquer modo, nada disso me ajudaria a passar de ano. Tudo que me resta é o bendito citoplasma.

Os legumes continuam intocados em meu prato. Meu estômago roncava, meu apetite permanecia inexistente.

– Olha o que você diz! Você está se ouvindo, mulher? – gritou papai, ficando de pé. – Você não pode simplesmente me acusar de uma coisa dessas!

– Não estou te acusando de nada. Só estou repetindo o que me disseram. – mamãe permaneceu em seu tom de voz sério, aquele que faz o outro se sentir um idiota.

– Quem te disse isso?

– Você não vai negar?

– Você não tem nada do que se meter nos negócios do MEU trabalho!

– Você não tem que se meter em coisas erradas quando tem uma filha para cuidar. Que influência você quer passar para ela? “Opa, eu não tenho nada a ver com isso”, pensei. Nem se eu fosse doida entraria nessas discussões entre eles. Não os impeço de fazer nada. Eles não me influenciam em nada.

Mais algumas acusações e negações. Naquele ponto, minha mãe também gritava. Uma única coisa me incomodava ali. Meu nome estava sendo muito citado.

– Sua filha também não deve achar nada legal você passar a maior parte do tempo tendo “aulas” de ioga com seu professor bombado, se é que posso chamar isso de aulas...

– O que você está insinuando?

– Você sabe muito bem o quê.

– Então sua filha tem como pais um criminoso e uma traíra.

– De que infernos você tirou essa acusação, mulher?

– Uma tal de Michele, conhece?

Algo no semblante do papai mudou. Gostaria de não ter visto isso. Gostaria que nada disso tivesse acontecido. De repente, minha cabeça começou a doer, meus olhos a arder, minhas mãos a tremer. Outras coisas foram ditas.

Eu não conseguia mais ouvi-las.

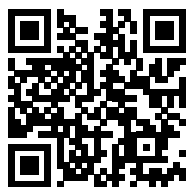
“Sua filha isso”, “Sua filha aquilo”

– Fale para seu pai, minha filha, que...

– NÃO! – explodi. – Me deixem fora disso! A única coisa que eu sou responsável é por manter a obrigação de vocês morarem sob o mesmo teto. E acreditem, vocês não precisam mais de mim para isso. Porque eu não quero ser assunto das infantilidades de vocês. – me levantei. – Se não se importam, o que acredito que não façam, tenho trabalho a fazer.

– Filha... – disseram em uníssono, eu já estava nas escadas quando aconteceu.

Pude ouvir uma nova discussão começar. Não ouvi bem, meus soluços abafavam suas vozes, mas meu nome permanecia em suas bocas. Eles não aprenderiam nunca. Meu professor teria que acreditar que eu passei mal no dia seguinte.



*Leitura realizada
por Lavínia Dias



Botões e tecidos

Ita Lima*

Essa é a história de uma garota que amava observar os poucos momentos que sua mãe tinha em frente às máquinas de costura. Com o tempo, a menina passou a incentivar o hobby de sua mãe fazendo croquis, buscando cursos de modelagem e pedindo para costurar roupas que sua mãe nunca pensaria em fazer.

– Mãe, fiz o desenho do meu vestido de formatura. Você pode costurá-lo para mim?

– Mãe, você pode fazer uma calça pro meu aniversário?

– Mãe, olha que jardineira linda! Faz uma igual?

O tempo passou e a garota se afastou de casa, dos desenhos, do ateliê de costura e de sua mãe. Aprendeu sobre o mundo, viveu experiências nunca imaginadas e, após muito tempo longe, sentiu falta de algo e voltou.

– Mãe, trouxe um croqui novo. Mas esse não dá pra costurar ou vestir.

– Por que, filha? Disse a mãe.

– Porque os botões são formados de saudades, as linhas são feitas de amor e o tecido chama-se Maria Izabel.

Sendo sincera

Jess F. S.

Não sou garota de meias verdades.
E é por isso que sou direta,
até demais sincera
e um pouco singela.
Sou intensa e complexa,
mas não ao ponto de não conseguir se ler.
Na verdade, isso é bem fácil.
Não sou de esconder.
Embora tudo isso para mim seja difícil,
não vou deixar de dizer
aquilo que sinto por você.
Talvez seja um erro,
mas sou assim meio errada,
um pouco exagerada,
na verdade emocionada.
Amargurada pelo passado.
Esperançosa pelo futuro.
Futuro esse que só vejo em seus olhos
belos e castanhos.
Mas sei lá, afinal é tudo ilusão.
Me perco em delírios delicados



e sonhos adocicados
dos quais eu nunca vou viver.
Pelo menos, não com você.
Minha loucura me seduz,
mas nem por isso deixo a realidade.
Seus passos são profundos
e me trazem para verdade.
Aquele que me diz
que a amizade antecede o amor,
este que precede a dor.
Que desejar não é ter,
pois querer não é poder.
Equivocada, posso soar,
mas é porque não deixo de notar
o quanto quero que seu olhar
pare de me provocar.



E que também seu sorriso,
o qual me irrita de forma profunda,
pois nesse amor ele me afunda.
Causando dor aguda,
a qual me faz clamar por ajuda.
E, no final, é assim que a história
termina.
Sem você querendo minha humilde
companhia.
E por mais prolongada que essa poesia
possa ser, isso não é nem metade
daquilo que gostaria dizer.
Mas, enfim, vai entender.



*Leitura realizada
por Lavínia Dias

A última gota

Kauass*

Entre relaxamentos e relacionamentos,
vivem histórias que aumentam
nossos conhecimentos.
Críticas, crônicas e romances,
tudo se mostra como nunca antes.

A vida pode ser difícil ao primeiro olhar,
mas momentos assim nos fazem brilhar.
Felicidades tremendas, tristezas intensas,
plenitudes serenas e utopias eufóricas.

Todos os sentimentos vêm em conjunto
em um lugar que nunca teríamos em
outro momento.
Se formos ver isso como um passatempo,
não veríamos o Pingado, que nunca será
esquecido pelo tempo.



Com você [Eu tenho medo das madrugadas]

Lais Loiola

Eu tenho medo das madrugadas.
Dos fantasmas do passado.
Do sussurro de vozes que às
vezes desejo serem reais.
Dos delírios das noites que me
fazem revirar caixas e reler cartas.

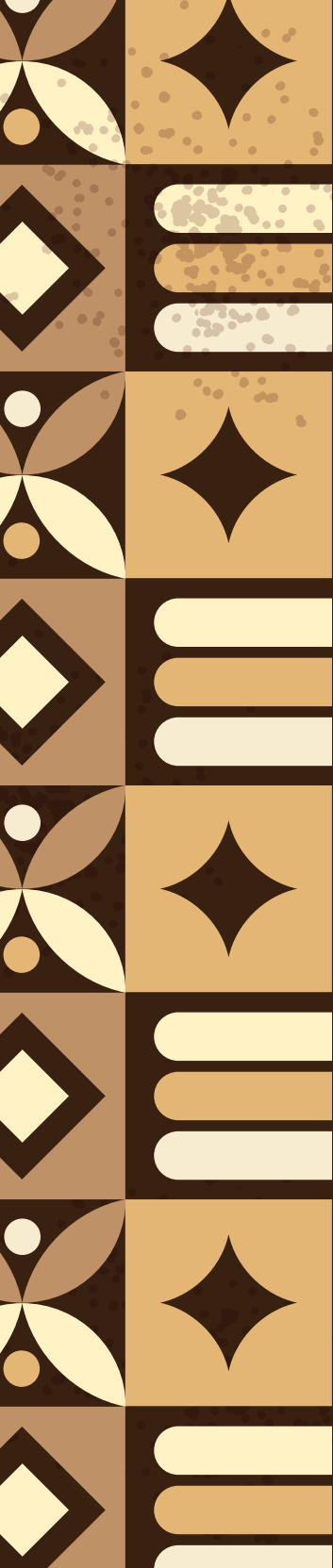
E quando olho para o canto do quarto,
é na esperança de encontrar quem
queria que estivesse ali.
Em madrugadas passadas, havia um doce
sentimento de acolhimento.
Cair no sono com a voz que recita poemas.
Hoje não resta nada além de ruídos.
O ruído barulhento da saudade.



Existe a promessa dos sonhos
de que eles me revelariam quem,
na realidade, de mim se esconde.
Existe a promessa do amanhecer
que tanto dizem trazer
uma nova esperança.
Mas não confio na incerteza dos
sonhos e no que vem após a escuridão.

Trazem à tona o meu eu,
que prefiro mascarar.
Os meus piores pesadelos não revelam a
face de vultos, mas me colocam de frente
a minha própria consciência.

Eu tenho medo das madrugadas,
pois elas me contam mentiras em que
adoro acreditar.



Mosaico

Lavínia Monteiro

Era uma vez uma garotinha feita de carne, ossos e curiosidade. Ela nasceu como se nasce todo mundo, com grandes olhos e um pequeno corpo. Grandes sonhos e um pequeno coração. Em alguns anos, descobriu que era divertido imitar a sua mãe cantando, os pulos de sua irmã e a risada dos seus colegas. Ela chorava para não ir embora e apontava para tudo que era brilhante, colorido e bonito. Sem muito esforço, a garotinha descobriu o que era gostar.

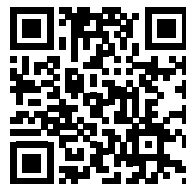
Crescendo, encheu o quarto com desenhos em giz e canetinha. Fez listas das suas comidas favoritas e cobriu folhas e mais folhas de cadernos com nomes de seus amigos e família. Ela percebeu que o mundo tinha tanto, tanto para lhe dar que às vezes parecia demais para suas pequenas mãos segurarem, então dava um jeito de guardar tudo aquilo que a havia marcado. Dessa forma, a garotinha acumulava memórias, palavras e sentimentos, agarrando-os e moldando-os ao seu pequeno corpo.

Com o tempo, a garota foi se esquecendo. Não conseguia mais dizer o nome da sua primeira professora, se o ursinho que ficava na sua cama era marrom ou preto e se sempre gostou de melão. Majoritariamente, a garota não sentia nada sobre esse apagamento involuntário; não havia como sentir falta de lembrar de algo que foi esquecido: era um paradoxo que garantia a sua paz.

Mas, às vezes, ela sentia como se alguma coisa estivesse faltando, que uma parte da sua vida estava embaçada, como vidro fumê ou um copo condensado. Nesses momentos, nada que a garota fizesse era o suficiente para dar um fim a sua melancolia.

Mais velha, a mulher entendeu que nada que a compunha era verdadeiramente dela. Ela era uma plagiadora, uma copiona, mas nunca uma peça falsa. Percebeu que seu gosto musical se parecia muito com aquele que sua mãe cantava na infância, que sua cor favorita continuava a mesma desde que se apaixonou por aquele personagem de cabelo colorido aos dez anos.

Odiava comer doce de leite porque sempre via a irmã recusar, cortava as unhas aos domingos porque em casa domingo era dia de autocuidado, amarrava os tênis do mesmo jeito desde que aprendeu aos oito anos. Ela era formada por retalhos e cacos de vidros; era um vitral e uma colcha; um desenho de várias cores e um tecido com várias linhas. Era uma construção com tijolos postos no lugar por todos aqueles que passaram por sua vida. Seu coração era mais forte porque foi quebrado, sua mente mais rápida porque foi testada, e suas mãos mais gentis graças a todos aqueles que já segurou. A mulher era um mosaico com partes brilhantes, partes sombrias e talvez para sempre inacabada.



Argila II

Letícia Dionysio*

Sou argila
E sempre serei argila.
Não importa o que aconteça,
não importa o que eu faça.
Pode ser que eu até cresça,
mas talvez isso seja uma farsa.
Não importa o quanto eu tente moldar.
Posso me tingir,
posso secar,
tento encobrir
na tentativa de mudar.
Posso moldar minha forma,
mas minha essência sempre retorna
pra minha forma mais natural.
Parece até coisa de louco
que eu me conheça tão pouco,
já que imitei tantas poses
e não descobri a minha verdadeira composição.
Que em meio a tantas possibilidades,
veio o desespero da indecisão.





Mas a minha verdadeira forma é a argila.
E não percebi que é custoso seguir
um modelo o tempo todo.
Não dá pra ser uma jarra,
um prato,
uma caneca,
uma vasilha,
um vaso
ou um pote.
De qualquer modo, serei argila incessantemente
e não dá pra esconder perduravelmente.

Não posso mais me culpar por não conseguir ser
outra coisa ou não ser nada além de argila.
Tentamos seguir um modelo
e, ainda assim, a gente vacila.
Somos frágeis.
Sou uma argila frágil demais.
E quando algo me atinge,
tudo desmorona
e o que me aflige
vem à tona.
O motivo pode não ser concreto,
mas desmorono por completo
E simplesmente não consigo mais me erguer.

Essa sou eu.
Sim,
Sou argila.
Nada além de argila no meio de pesadelos.
Uma argila que a vida toda se escondeu em modelos
e agora não consegue mais fugir de si.
Me pergunto: onde está aquela cerâmica?
E onde eu estava naquela dinâmica?
A todo momento eu estive ali,
mas o momento favoreceu a cerâmica em si
e a cerâmica brilhou.
Brilhou tão lindamente
e eu penso,
talvez no fundo
eu seja um pouco de cada mente.

Sou argila.
Não apenas uma argila,
mas um pouco da cerâmica.
Posso ser uma jarra,
uma caneca,
uma vasilha,
um vaso
ou um pote.
Sou um pouco de cada,
mesmo que aparente ser nada.

E é isso que define a argila.
Poder ser tanto em apenas uma matéria.
Sou uma argila em sua profundidade,
tão familiarizada que chega a desconhecer a verdade.
Sou uma argila complexa e relativa.
Não sendo nada,
sou um pouco de tudo.
O acaso me molda e não posso me esquivar.
Não sou apenas um e não é sendo um que abro mão
de ser outro.
Sempre serei, uma vez que já fui.
Sempre estará comigo em minha essência argilosa.
Não sou uma única, sou todas, mas sendo todas, eu sou única.
E é isso o que deixa tudo mais admirável.
Uma essência profunda e intrincada
por diferentes alter egos
imprevisíveis e surpreendentes.



*Leitura realizada por Safira Barbosa



*Leitura realizada por
Maria Eduarda Victal

De forma desprevenida

Letícia Dionysio*

De uma forma desprevenida, ela começa. De chuvas tímidas até chegar nas grandes tempestades. Voluntariamente, surge o som metálico das chaves abrindo um baú escuro cheio de quebra-cabeças mal resolvidos. Começa a crescer um único galho com risadas, choros e flores. O humor, como um pássaro, nos segue e, de repente, some. O sentimento cria raízes.

Verão, outono, inverno e primavera. Sempre estive lá tentando acompanhar as mudanças de estação junto com as outras folhas da árvore. Mas, como em uma encruzilhada, com o vento, elas são levadas a um outro rumo. O que faz as outras folhas ficarem? O que me faz ficar? As raízes permanecem. Eram para permanecer.

E eu caio. O que leva certas folhas, como eu, a caírem? Elas ressecam. Se deixam ser pisadas na lama enquanto olham para o céu. E a cada pinga de chuva que cai sobre elas, se perguntam: “Será que ela volta?” Ela não volta. Não do mesmo jeito. Umas voam e outras, contra a sua própria vontade, caem. As folhas não permanecem, pois o “para sempre” nunca existiu de fato. E, então, de uma forma desprevenida, ela termina.



Só mais um humano

Manuela de Castro

Deveria ser só uma madrugada qualquer quando eu, meticulosamente, criei um robô. Semelhante a nós, mexia todos os membros e comandava as próprias ações, um humanoide em perfeito estado.

Larguei-o sozinho no mundo por alguns dias, um rápido teste. Após isso, pretendia aperfeiçoar seu sistema de aprendizado e consertar possíveis falhas. Mas nada poderia ter me preparado para o que veio a seguir. Imaginei que pouca coisa o robô aprenderia durante sua estadia no mundo humano, mas a aparência menos robótica e as ações tão humanizadas que ele apresentou após o teste me gerou um grande tempo gasto em uma minuciosa procura por possíveis defeitos em seu sistema. Mas tão grande quanto meu espanto foi meu divertimento ao ver aquela engenhoca tão burramente inteligente. Seus conhecimentos humanos haviam gerado ótimos resultados, afinal.

Mas tão rápido quanto aprendeu a ser robô, aprendeu a ser humano. Tão espetacularmente defeituoso como todos os outros. Logo, deu defeito, e o líquido preto passou a escorrer rapidamente por todas as suas pequenas passagens. Enquanto eu observava a evidente falha, me senti intimidado ao me identificar com a expressão assustada presente no rosto da engenhoca ao ver as faíscas saindo das juntas robóticas. Mas, agora, meu maior sucesso estava afogando-se em seu próprio óleo. Parece que ele de fato havia aprendido muitas coisas com os humanos.

De qualquer forma, agora eu só precisava vender outras dezenas de robôs como esse, funcionando em perfeito estado e sem defeitos, tal como os idiotas que o comprariam.

Cansaço temporal

Maluzy

O tempo passa, mas nada se desenvolve.
Os minutos correm e mais problemas aparecem.
A hora acaba, e nem tudo se resolve.
Minha adolescência chegou ao fim
e as coisas só me aborrecem.

Tento ser produtiva a todo instante,
Faço mil coisas ao mesmo tempo,
mas sou tomada pelo cansaço constante.
Como eu faço para voltar no tempo?



Em um dia na escola o tempo passa devagar.
Faço diversos trabalhos e simulados,
imploro pro dia finalmente acabar.
E mesmo fazendo muita coisa,
ainda tenho projetos acumulados.

Mas em um dia com os amigos, me divertindo,
o dia passa rápido até demais.
E, após um curto período de tempo curtindo,
me lembro de quando irei voltar a trabalhar.
E esse pensamento me consome cada vez mais.

A pressão que o tempo nos traz me sufoca.
Perco o ar de tantas soluções inacabadas.
São tantas coisas que me sinto cabeça oca,
mas nunca termino nada a partir dessas horas contadas.





O passarinho na janela

Marina Zampiroli

O passarinho na janela cantava alegre enquanto você
ia embora cantando triste.

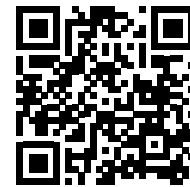
Ora, se achava o próprio príncipe encantado
incompreendido, cantando palavras sem clareza pro
meu cão.

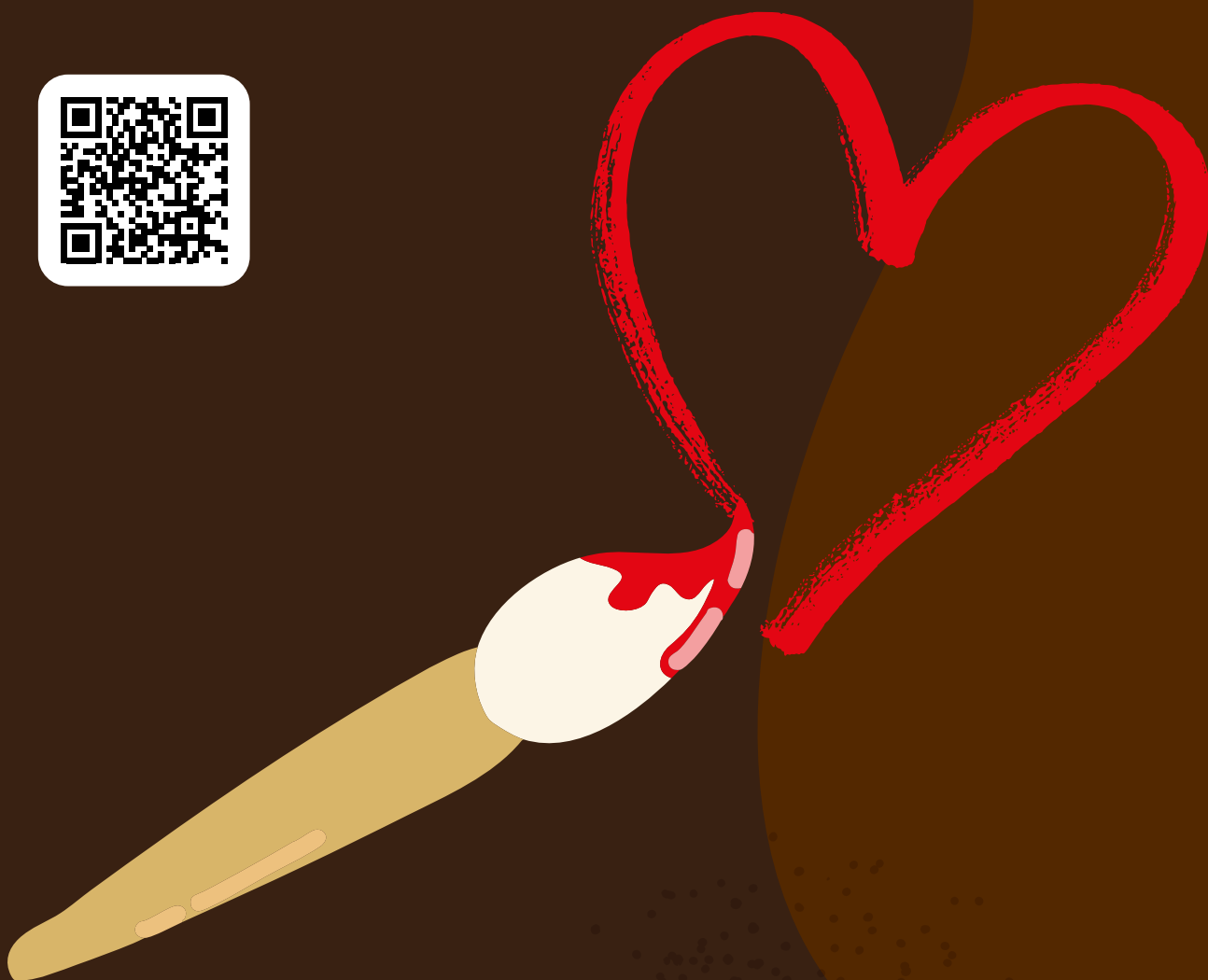
O cão, ah meu cão, como sofreu com essa cantoria
toda. Fiz bem em proferir tais palavras, ao menos o
cão se safou.

Bati no peito pra calar o estúpido coração. “Não
preciso de ninguém, não! Chega dessa melodia!”

A melancolia logo foi embora junto com você,
o pássaro e sua canção.

“Já vai tarde, passarinho na janela!”, cantei feliz.
Pensei, mais tarde, o quão mesquinha fui...
Hum... que pena! Chorarei algum dia, hoje não.





Uma paixão pela arte

Miguel Couto

Ele era artista, e ela, pura arte.

Arte que atravessa ruas, esquinas, cidades e continentes, arte que para guerras, cria amores, destrói vidas. Arte que comunica.

Arte que atravessa línguas, tanto atravessa que hablo en español, talk in english e falo em português que te amo, porque não te amo só aqui, te amo em todo lugar que te enxergo, mas te enxergo em todo lugar, porque a arte no humano não pode faltar.

Flores belas, belas flores

Thifany Oliveira



A melancolia não me agrada, ela me assusta. Fico preocupada ao pensar que fico melancólica por causa de coisas pequenas que me assustam.

Ficar assustada me dá medo, e o medo me deixa triste..., e a tristeza...

fico melancólica novamente.

Não querer ser melancólica também me assusta, porque a melancolia já está em mim. Sinto-me presa e não vejo saída. Penso que nunca vou sair dessa situação, e que é o meu fim.

Quase no fim, vejo seis flores ao meu redor. Pergunto a elas de onde vieram, mas elas não me respondem, pois são flores.

Vejo que cada uma das seis flores são autênticas e tem algo diferente, mesmo sendo todas rosas brancas.

A primeira flor que pego me lembra uma brisa suave, onde os meus problemas podem ser resolvidos só com a sua presença. Fico encantada com a primeira flor, e logo vem a segunda. Sinto que sou eu mesma de novo e que posso ter sonhos e imaginações. Eu achava que tudo tinha acabado, mas essa flor me trouxe esperança novamente.

Na terceira flor, vem uma brisa de amor que nunca senti por alguém, um amor inocente, que me trouxe o desejo de amar e ser amada novamente.

Na quarta flor, surgiu uma personalidade marcante, que me deu determinação para fazer as coisas e recuperar minha coragem.

A quinta flor foi especial, um bem-querer que me fez sentir saudades e me lembrou onde eu poderia ser eu mesma. Ela me entendia como eu era e se parecia comigo, trazendo de volta um sentimento que eu havia esquecido.

A última flor que faltava me chamou e, embora não tenha me chamado diretamente, eu podia sentir sua presença tentando me alcançar. Sabia que essa flor era esforçada e desejava o bem a todos, sem distinção. Ela me disse para não ficar triste e que tudo ficaria bem, eu só precisava acreditar.

Olho para minhas mãos e lá estão elas, as seis flores que agora fazem parte de mim. Essas flores me tiraram de um mundo melancólico de onde eu não pensava em sair, e onde eu achava que ficaria presa. Tive a sorte de encontrar cada uma das seis flores, em um momento no qual achei que era o meu fim.





Doce e rosa

Will

As visitas de verão que fazíamos a minha avó eram sempre momentos marcantes para minha mente de criança. A aventura começava pelo trajeto, sempre feito de carro comigo sentado no banco de trás na porta direita do veículo, ao lado de minha irmã mais velha e atrás de minha mãe. Minha irmã mais nova, por sua vez, sentava-se sempre na porta esquerda, logo atrás do meu pai, que sempre dirigia nesse trajeto. A estrada de barro cheia de buracos confundia um viajante desavisado, que consideraria que estávamos em alguma cidade no interior em que estradas de concreto ainda não haviam chegado, enganando-se por completo com a informação de que ainda estávamos na capital, apenas em um bairro mais periférico.



O céu azul cintilava esses dias e, mesmo que não, se fazia em brilho com o passeio tradicional que se repetia com frequência nesse período, fruto do encontro das férias escolares com aquelas do trabalho dos meus pais.

Chegando na casa, via, ainda amarrado ao cinto de segurança, alguém abrir o pesado portão de metal que escondia a antiga casa de paredes grossas com estrutura de madeira e telhas de barro vermelho expostas do lado de dentro da residência. Do lado de fora do muro e do portão, era possível ter um vislumbre do jardim frontal que minha avó cultivava com tanto cuidado, regando-o todas as manhãs pouco depois do sol nascer. O que não se podia supor, entretanto, era a presença de uma piscina oculta nos fundos da casa, diversão nos dias quentes que nos acompanhavam. Voltando à entrada, minha mãe lembrava dos combinados antes de nossa libertação: “Falem com todo mundo assim que chegar, peçam a benção aos seus tios, à sua avó e só depois podem ir brincar”, tudo enquanto meu pai terminava de estacionar o carro no espaço que antes abrigava o antigo caminhão de meu avô.

Concluída a manobra, as portas se abriam, me desamarrava do cinto e seguia para o interior da casa. Passando pela porta da frente, a sala de estar era onde normalmente encontrava as primeiras pessoas que se enquadravam nos requisitos de minha mãe para que eu tivesse que parar e pedir bênçãos. A escuridão presente, mesmo com as janelas abertas, já era o padrão no lugar, mas nada que impedisse minha visão ou meu passo: rapidamente seguia para a cozinha, onde geralmente encontrava minhas tias conversando com xícaras de café e pãezinhos. Beijava a mão de todas, recebia abraços e comentários sobre como havia crescido. Após isso, logo me dirigia para a lavanderia e, cruzando a última porta em meu caminho, chegava ao quintal dos fundos.

Lá era onde minha avó geralmente estava, olhando suas outras plantas (talvez para que não sentissem ciúmes do cuidado que tinha com aquelas do jardim da frente), seus netos e o dia como um todo. A sessão de beijos e abraços recomeçava. A alegria era visível nos olhos azuis de minha avó, uma senhora baixa que sempre estava com um coque, que enganava sob seu longo cabelo branco, e um vestido até o tornozelo.

Apesar de gostar da festa, preferia os dias tranquilos, raros nesses tempos. Gostava de tomar banho de piscina, gigante para minhas pernas de criança, depois me enrolar na toalha enquanto aguardava minha mãe concluir o banho da minha irmã mais nova para que eu pudesse me dirigir ao banheiro para tomar uma ducha e tirar o cloro do cabelo. Apesar de amar os sorvetes de iogurte (daqueles que vinham em pequenos sacos), ou os picolés de “timão” (lê-se “limão”), deles me recordo pouco. O que ficou marcado em minha memória, contudo, era o grande pé de manga que reinava imponente naquele quintal dos fundos.

A árvore era enorme, agora para qualquer padrão estabelecido, e nos verões, disso me lembro bem, ficava com vários pontos rosa alaranjados em sua frondosa copa verde. Sabia que cada um desses pontos consistia em um fruto doce e suculento que rendia maravilhosos sucos feitos por minhas tias. Animava-me ao chegar e animava-me ao ouvir o convite para ir debaixo da imensa planta pegar o que generosamente oferecia. Coletava aqueles mais apetitosos ao olhar, aqueles que acreditava serem os mais doces, maiores e mais bonitos. Minha avó já me ensinara, seja lá quando, a não pegar os que estivessem com as cascas rasgadas, muito moles ou escuros demais. Talvez não fosse um bom aluno, então levava cada achado para inspeção, sendo alguns aprovados e outros não.

De volta ao convívio tradicional, os frutos eram entregues para serem lavados e postos sobre a mesa para quem quisesse pegá-los. Essas aventuras rendiam poucos achados bons, os quais eram provenientes, em sua maioria, do resultado de uma coleta in situ realizada por meus tios e todo um maquinário destinado a esse fim. O que mais gostava, porém, não era pegar as frutas, e sim, comê-las, ou melhor, bebê-las!

Ocorreu, certa vez, de minha avó me ensinar uma forma antes nunca pensada por mim para comer aquelas mangas. “Você pega desse jeito”, indicou, posicionando a fruta entre suas mãos, “Então você amassa ela”, disse apertando a manga como se sovasse um pão. O processo continuava por um curto espaço de tempo, logo depois, segundo a última instrução, “Agora você fura e bebe o que tem dentro”, uma vitamina me aguardava dentro de uma garrafa rosa que antes fora um fruto firme. Após essa ocasião, me tornava independente de ter que aguardar qualquer adulto descascar e cortar as frutas para mim (processo que ainda acontecia para que toda manga fosse aproveitada).

Eram esses os ciclos de verão. Chegar, cumprimentar, brincar, comer manga e ir, este último tão cerimonial quanto os dois primeiros ir embora. “Fale com sua avó e com seus tios que nós já vamos”. Buscava todos pela casa, mais uma vez beijando suas mãos, pedindo por bênçãos e respondendo à pergunta “Já vai?”. O céu rosa alaranjado, como as mangas que comia naquelas ocasiões, acompanhavam as despedidas e a entrada no carro. Sentava no banco de trás, no mesmo lugar em que vim, colocava o cinto e olhava para fora pela janela. O céu era sempre bonito nesses tempos, e se não fosse, eu fazia com que se tornasse.

Pingado, um mergulho nas palavras

“Minha percepção é de imensidão, palavra pequena comparada ao tamanho do significado. Lugar de possibilidades criadas a partir de um universo imaginativo, às vezes não muito distante da realidade.”

Falar do Pingado é falar do início da minha vida na Escola Sesc de Ensino Médio. Logo que cheguei a esta escola, dentre tantos outros projetos, fui apresentada ao Pingado. “Pingado, que interessante!”, pensei, “mas o que será que acontece tão cedo em uma biblioteca? Por que tantos jovens estudantes participam voluntariamente?” Minha curiosidade e a forma com que meus alunos falavam da atividade, assim como os convites para que participasse, levaram-me ao encontro daquelas vozes.

Quinta-feira, sete da manhã, lá estava eu pronta para presenciar a mais bela comunhão entre jovens estudantes e a Literatura. Adentrei em uma mistura de descoberta, prazer, desabafo... num jogo cuja única regra era o mergulho nas mais diversas possibilidades que a literatura nos proporciona.

Desde então sou uma frequentadora assídua que vibra com cada texto lido. Textos autorais, cheios de subjetividade, construções poéticas e denúncias sociais; algumas narrativas curtas, outras nem tanto; sonhos, pesadelos e desabafos recheados de angústias, alegrias e frustrações próprias da idade.

Em meio a leituras intensas, descobertas de autores e autoras que nunca haviam escutado e que agora permeiam seus pensamentos... Uauuuu!!! Mais um se levanta e se aventura nessa troca semanal. Durante todo o ano acostumamo-nos a ouvir as cartas abertas da Ana Paula, mas como não deixar cair uma lágrima ao escutar (e agora ler) a “A última carta”? Como não esperar que a Leyliane nos encante com mais um texto de Clarice Lispector?

Muitas vezes deixada em segundo plano ou vista como coadjuvante no processo de ensino-aprendizado nas escolas brasileiras, a Literatura, como defende Candido, “é um direito humano fundamental e a ela não pode ser negado o acesso, uma vez que atua na formação intelectual e promove a humanização do homem”.

Assim é o Pingado: “despretensiosamente” vai enriquecendo a visão de mundo, ampliando a sensibilidade e ajudando na formação da personalidade dos nossos jovens leitores; vai apresentando ou proporcionando a descoberta dos múltiplos caminhos que a Literatura pode traçar, seja para atender a determinadas necessidades de fantasia do ser humano, seja em seu papel educativo.

Ah, e como é gostoso saber que na próxima semana teremos uma nova chance de compartilhar todo esse sentimento, e que a Literatura ganha cada vez mais espaço no cotidiano dos alunos da Escola Sesc de Ensino Médio!

Rosane de Barros Goveia Cordeiro

Professora de Língua Portuguesa do Polo Educacional Sesc
Mestre em Língua Portuguesa pela Uerj

**A vida
acontece
com o Sesc**



**Polo
Educatonal
Sesc**